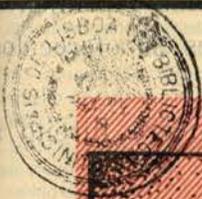


SEMANARIO HUMORISTICO



Direcção Literária de: JOSÉ DE ARTIMANHA, DR. KNOX e OCTÁVIO SÉRGIO



A política em Espanha... continua muito "azanhada,,

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX
OCTÁVIO SÉRGIO

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DA MOLHADURA

Dissemos já no nosso número passado a forma de distribuição dos 4 primeiros prémios deste nosso concurso. Vamos hoje dar andamento aos restantes 50 oferecidos pela MARIA RITA.

1.º—Cada senha numerada com os números da aproximação, terá direito a um prémio.

2.º—Cada milhar correspondente aos quatro primeiros prémios terá também direito a um prémio desta importância.

Desta forma serão precisamente 50 os números premiados com o valor de 10\$00.

Estes prémios são constituídos pelos seguintes livros á escolha do contemplado:

Os que não foram à guerra, O jogador de Xadrez, As Mártires da Virgindade e As 100 mais lindas cartas de amor.

No próximo número daremos as bases do nosso segundo

Concurso de Pim-Pam-Pum

que iniciaremos no dia 31 de Julho.

GRANDES NOVIDADES • FORMIDÁVEIS PRÉMIOS
INTERESSE • EMOÇÃO • GRAÇA

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 16 ADEGAS:
R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Licorras), Telef. 5017; R. das Fontainhas, 193-195;
R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam); Telef. 5802; R. da Constituição, 1395;
Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-
doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Buinharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braan-
camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A: NA POZ — R. S. mhora da Luz, 238-242,
Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da
Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

E' ao jôgo que se conhece a educação, — afirmavam os antigos. Similarmente, eu direi que é nos *matches* de *foot-ball* que se conhece o carácter dos jogadores.

Sempre o *foot-ball* se me afigurou um brinquedo de crianças. Trivial, mas inofensivo. Vejo que me enganei. Ocasões há em que ele assume o aspecto de um combate de feras. Tal o último encontro Pôrto-Bemfica, — verdadeiramente digno de este nome, visto haver sido o encontro a moeda corrente. E não só o encontro: também o pontapé e a rasteira. Tudo isto aplicado com uma técnica modelar, um *savoir-faire* exímio denotando longo treino e profunda experiência. Houve, por exemplo, um jogador do Pôrto atingido em pleno estômago por um pé do adversário. E' perfeito no género. Diferindo apenas dos *capoeiras* cariocas em que os de Bemfica reservavam a cabeça para a bola e todas as restantes extremidades para as regiões mais sensíveis do corpo dos contendores, batendo-as rudemente, até prostrarem os respectivos ômos, inutilizando-os para a luta. Se não fosse a decidida intervenção do árbitro, é de crer que fosse dando o tringlo-manglo nos jogadores tripeiros, e o desafio terminasse *in albis*, por falta de matéria prima.

Já havia touros de morte. Vamos ter, ao que parece, *foot-ballers* de morte também. Basta, para isso, que os «vermelhos» transfi-

ram o seu Club de Bemfica para a Mouraria e levem para o campo as respectivas navalhas de ponta e mola. Ao fim de pouco tempo, os jogadores percorrerão a arena, como os cavalos das corridas, calcando os próprios intestinos. Será um espectáculo admirável e cheio, como se dizer-se agora, de côr local. Ao terminar do encontro, todo o campo será

«como um circo andaluz depois de uma tourada.»

E em vez das mulas ajaezadas, darão entrada na pista os maqueiros da Cruz Vermelha, — para retirarem, ao som do hino, os cadáveres dos que baquearam. . .

E logo as senhoras que assistiram à pelega se erguerão para correrem o anfiteatro, bancada por bancada, a impetrar do público um óbulo destinado às famílias das vítimas. A' noite, no Ben fiquense, proceder-se-á à distribuição dos prémios, sendo conferido o primeiro, embrulhado em pomposo diploma honorífico, ao que tiver mandado para o outro mundo maior número de contendores. E os diários da manhã seguinte, noticiando a batalha, terminarão assim, vibrantes de entusiasmo:

«Depois da revolução de Fevereiro não se tinha visto em Lisboa semelhante hecatombe.»

E as Companhias de Seguros, após entendimento mútuo, tornarão pública a declaração de que resolveram recusar a inscrição de segurados aos jogadores de *foot-ball* . . .

E as esposas de estes, quando assistirem aos sensacionais espectáculos, irão já — como a célebre dama inglesa a quem tocara o nosso Magriço — vestidas de luto rigoroso. . .

Deve ter rebentado como uma bomba em todos os meios honestos, incluindo a alta sociedade, a determinação governamental que proibiu o nudismo nas praias. Calculo que o meu illustre amigo Dr. Amílcar de Sousa se há de encontrar inconsolável, na sua dupla qualidade de médico e de homem. Porque, como médico, o infatigável apóstolo do Naturismo está persuadido de que dá Deus as doenças conforme a roupa e de que que não há como andar despido para enrijar os músculos; e como homem, alimenta a convicção de que o nu feminino foi sempre, e há de ser até à consumação dos séculos, o máximo encanto dos olhos masculinos.

Neste ponto — e apenas neste — coloco-me incondicionalmente a seu lado. Desde que se não proibem as coristas nuas nas revistas teatraes, não as pinturas e as estátuas que frequentemente se nos apresentam na mesma exi-

gua indumentária, entendo que também às mulheres devia ser permitida a livre exhibição dos seus encantos. Notem que eu escrevi, positivamente, «encantos». Quere isto dizer que, se fôsse autoridade, consentiria sem discrepância a nudez das mulheres bonitas e bem feitas. Instituiria, em cada praia, uma comissão de estética, perante a qual desfilariam tôdas as banhistas no princípio da temporada. Esta comissão concederia às mulheres perfeitas, para quem a natureza houvesse sido pródiga em louçanias físicas, bilhete de livre trânsito, com fôlha de parra ou sem ela. A's que fôsem feias, magras, azambradas, de clavículas como navalhas sevilhanas, seios como pés de meia, quadris como hastes de gládios, não lhes cassaria, de-certo, a licença para tomarem o seu banho. Mas forçá-las-ia a levarem calças até ao tornozelo, e um casaco tão afogado no pescoço que nem as orelhas se lhes vissem.

Porque — é preciso repeti-lo uma e mil vezes — só a fealdade é escandalosa. A beleza é sempre casta. Perante um nu formoso, o sentimento estético salta por cima de quaisquer idéias libidinosas. Se assim não fôsse, deveríamos proscrever também dos altares as imagens de S. Sebastião, de Santa Maria Egípcíaca e do Cristo Crucificado.

Marcial Jordão.

Quadras

A's vezes, quando te beijo,
Por pouco que não desmaias! . . .
E' caso para dizer:
Toma cuidado não caias.

Tão juntinhos, tanto tanto,
Tanta vez, a sós, os dois! . . .
. . . Veio quebrar o encanto
Um petizinho depois. . .

Beije-te vezes sem fim! . . .
Electrizei, mas, tu, não! . . .
. . . Naturalmente o carmim
Impediu a ligação! . . .

Se pudesses ser estrada
E eu automóvel, agora,
Derrapava nessas curvas
A mais de cinquenta à hora.

Escorregaste. Amparei-te. . .
— Que agradável sensação!
Não foi bem a sorte grande
Mas tive a aproximação! . . .

Dr. Pretito.

23.º Concurso Hípico Oficial

No Campo do Bessa

Nos dias 22, 24, 25 e 27 de Julho

Como tôda a gente sabe é nos concursos hípicos que se encontra a fina flor de tôdas as sociedades. Por isso a nossa MARIA RITA foi convidada com tôdas as honras, como representante da Sociedade tripeira, e também teve conhecimento do convite feito ao sr. Domingos Ferreira como representante da Sociedade das malhas e ao sr. Rodrigo Pinto Leite, como membro efectivo de tôdas as sociedades fúnebres familiares.

Agradecendo a honra conferida, MARIA RITA promete desde já fazer no seu próximo número uma resenha circunstanciada dessa festa gentil e insubstituível, caricaturando ou *dibujando* as caras mais evidentes da nossa sociedade elegante (senhoras inclusivé).

Ao mesmo tempo dá desde agora aos seus leitores a gratíssima notícia de que se fará representar em quasi tôdas as provas, comunicando que já fez um contrato com o sr. D. Pedro IV, para ter um cavalo resistente.

Balancete da semana

Certo jornal do Pôrto, aliás geralmente bem escrito, publicou um soneto ultraexquisito, que me lançou em grande desconforto. Começa de esta forma, — uma beleza:

*«Ai, Marília! Que rábida tristeza
passar horas inteiras sem te ver!
Até me pesa a meiga natureza...»*

Isto é que é escrever!

Mas, com franqueza, é um pouco plagiado, pois que os mesmos dizeres emprega, em *Lisistrata*, o pobre de um soldado quando se deu a greve das mulheres...

*

Fundou-se em Gondomar a Associação de Classe dos Barbeiros, instituto exemplar que há de dar frutos muito lisonjeiros.

As quotas da tabela são baratíneas e não pagam sêlo, para que os sócios de ela

— como acontece a tóda a clientela — não vão ficar sem coiro e sem cabelo.

E quando houver na casa

assembleias gerais,

hão de ouvir-se discursos geniais,

de pôr a gente em brasa:

frases co'a solidez de altas muralhas,

para assombrar as gerações vindoiras,

finas como navalhas,

cortantes quais tesoiras.

Assim, a poucas léguas da cidade,

surge uma associação magnificente

que há de brilhar em tóda a linha, e há de

dar água pela barba a muita gente.

*

Um operário, ao ver-se despedido (passou-se isto em Lisboa, e no Arsenal) puxou em continente de um punhal e esfaqueou o mestre espavorido.

E' coisa triste, e muito mau sinal,

êste episódio pouco conhecido.

Se a moda pega, e entra de dar brado,

o patrão que despeça um empregado,

ou lhe dá, p'ra o calmar, um chá de tília,

ou tem de ir a correr, todo apressado,

despedir-se êle próprio... da família.

*

Interroga um jornal da situação:

a França tornará a usar de manha,

nã pagando de junho a prestação,

ou pega na palavra da Alemanha,

da Bélgica, da Hungria e do Japão?

Pergunta ingénua, pueril, quimérica...

Se a França paga, saneando as chagas

da pobre Norte-América?

— E' o pagas!

Se pega na palavra dos colegas?

— E' o pagas!

Porque, afinal, as dívidas antigas

são, mesmo p'ra as nações, grandes espigas!

Foot-ball

No Domingo passado, em Lisboa, no campo das Amoreiras, os *bichos da sêda* lá da casa derrotaram o Foot-ball Club do Pôrto por 4 bolas a 2. Foi uma façanha que há de ficar gravada a letras de oiro no precioso livro de registos que o sr. Ribeiro dos Reis vai anotar carinhosamente. Quasi todos os jornais da capital registaram o facto, alçapremando os homens do Bemficia às culminâncias da lua.

Mas poucos ou quasi nenhuns, tiveram a coragem de declarar que o *team* dos bichos de sêda se portou pior que um bando de ciganos e que em vez de *foot-ball* praticou apenas caça ao homem. Este vicio é já velho lá para baixo, mas tomado em sentido inverso... O que é novo, é que os dirigentes desta coisa dos pontapés, não ponham acaimo aos tresmalhados e os deixem escoucear em tudo menos na bola.

E também é novo que haja uma imprensa baírrista, tão cega ou tão torpe que dêe passar em claro e teça até encontros a autênticas agressões e a verdadeiras capoeiras.

Muito baixo tem descido as coisas do sport!...

No Domingo que vem volta a jogar em Lisboa o nosso Campeão. Oxalá que a recepção seja menos entusiástica, e que em lugar de virem três homens de maca, não fique algum por lá no Hospital. Tudo é de esperar naquelas paragens civilizadíssimas, onde se dão palmas a uma agressão cobardíssima que põe um homem fora de combate.

A MARIA RITA que há um ano lançou célebre grito de «fazei das tripas Campeão» quasi se arrepende de o ter feito, porque fôz esse acto consumado, que tem servido de pretexto para tódas as perseguições e intervenções armadas.

Uma esperança, apenas, nos anima quanto à jornada de amanhã: é que o *team* que enfrentará o nosso Campeão é o grupo dos «Leões».

E sempre há de ser preferível jogar com *feras* do que com *bichos da sêda*.

Uma anedota quasi autêntica:

Há tempos, em Coimbra, conversava o simpientíssimo Dr. Agostinho de Campos, o grande lavrador da nossa língua, com um amigo. A certa altura o amigo advertiu-o de que se ia embora por ter de estar em casa das Teles às 3 em ponto.

Então o doutor ao ouvir isto, não pôde occultar um gesto de enfado e quasi vomitando disse:

— O' homem! Mas que mania Vocês tem de empregar francesismos... Das *Teles* não Deve dizer-se: das *Tats*...

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos

teem um cunho

parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Turiddu.

PROJEÇÕES DE BRAGA

Campos Monteiro em "Ares da minha Serra" — O maior problema fascista ou a crise de meninos italianos

Foi com o mais vivo dos alvôres que recebemos o livro *Ares da minha Serra*, do grande escritor — grande entre os maiores — que se chamou e, por longos anos se chamará ainda, Campos Monteiro.

Lêmo-lo maravilhados.

A *tragédia de um coração simples*, que em qualquer parte do mundo atiraria um homem de letras, por muito rasteiro que fosse, para as cristas da glória, é — pelas suas figuras magistrais, incomparavelmente esculpidas e pela beleza descritiva pintada com mágicos pincéis — uma novela formidável, bela e magnífica, profunda e majestosa.

A medida que o nosso espírito se embrenhava nessa gama de cores riquíssimas, entre as quais as personagens se agitam, se movem, se contorcem em perturbadora marcha vivida, ia-se de nós apoderando, em massa compacta, uma emoção crescente que — na linha derradeira — atingiu o acume.

Nessas dúzias páginas traçadas com linguagem rica, máscula, elegante, clara, perfumada, ora suave como um veludo, ora agreste como um penhasco, em que as serras se erguem como titãs de ferro sob o céu azulino manchado de sol, e em que os tipos se apresentam: uns de traços de cristal em corpos de bronze e outros em corpos de barro envolvendo um coração de ferro — nada falta, nada destoa, nada esmaece, nada ficou por dizer.

De tal forma nos impressionou a *tragédia de um coração simples*, que só uma boa hora depois de havermos alcançado o seu final é que podemos, mas ainda entontecidos, ir à frente.

Segue-se a *Rebofa*.

Ja conhecíamos este pequeno romance, então chamado pelo epigrafe não menos sugestiva de *Ordão Tardio*.

A *tragédia sulca-a, greta-a*. Ao corrermos com os olhos, por sobre o papel, respiramos a saudável da serra, mas quasi logo sufocamos.

Os nervos, de começo em vibrátil agitação, estendem-se por fim.

Mas, no desfecho... Sorrimos de manso, com os sorrisos mansos de um anjo de carne.

A última novela — *Um aviso do Céu* — que não atinge, no tamanho, o número escasso de onze páginas, assenta numa aquarela triste, em que certa mãe, com receio ao mar, não deixa partir, rumo dos Brasis, o filho amado.

Alguém a censura. Mas, dias depois, soube-se que a barca «Santa Quitéria», na qual teria o rapazinho, fôra ao fundo no mar alto.

É um episódio de uma suave melancolia, passado no tempo em que o autor de *Miss Esage* orçava pela idade descuidada dos oito anos.

Entim, Campos Monteiro, transmontano de boa tempera, para quem o Roboredo e a Vila Rica nem mais que faustosas capitais europeias e o mais populoso povo de Moncorvo é o melhor do mundo, quis escrever um volume com tudo que lhe desse do seu torrão: tipos, paisagem, enredo, de quando em quando, linguagem própria. Conseguiu-o em absoluto.

De Braga enviamos ao talentoso artista de *Ares da minha Serra*, com uma admiração cada vez mais viva, dois gratíssimos abraços, muito, muito cordiais.

Dos jornais:

Em Itália

Mulher que dá à luz cinco filhos, num só parto

ROMA, 3. — A população italiana aumenta sem cessar. A campanha da «natalidade», iniciada à ordem de Mussolini, que estabeleceu prémios para as mulheres que dêem à luz, num só parto, duas ou mais crianças, é, não muito raro, ajudada por extraordinários casos de fecundidade, como o de Antonietta Cappola, de trinta anos, de Foggia, que acaba de aumentar a sua família com nada menos de cinco filhos — três rapazes e duas raparigas. — (U. P.).

Nas primeiras impressões, a notícia, acima transcrita, apresenta-nos apenas um dos vários e extravagantes casos, com que a natureza nos surpreende a cada momento.

Porém, convenientemente analisada, colocados por completo na indecisão, não nos sendo fácil determinar se nos encontramos ante um fenómeno puro e simplesmente biológico, só ao alcance e da competência da medicina, se na presença de uma questão de carácter politico-social.

Compreende-se que, tendo o Sr. Mussolini iniciado a «Campanha da Natalidade» no país onde nasceu e «tudo lo manda», a circunstância de uma sua compatriota dar à luz de uma só vez, nada menos de 5 descendentes, tanto pode ter origem num capricho da natureza, como derivar de uma imposição governativa.

Tomando a notícia como verdadeira, constata-se unicamente o facto, não sendo possível precisar qual das causas o justifica.

Todavia, a segunda das hipóteses admitidas afigura-se-nos a mais acertada, por sabermos que o programa fascista era tendente a provocar uma verdadeira revolução no modo de ser do povo italiano, revolução essa, de princípio, supomos que apenas *intestinal*, devido ao óleo de ricino empregado e agora, pelo visto, *uterina* também.

Há ainda a considerar que o «duce» estabeleceu prémios a todas as italianas que mais se aproximem das nossas coelhas, prémios por certo bem tentadores, o que as leva a aplicar todo o cuidado e esmero na arte de ser mãe. Só assim se explica a atitude da Senhora Antonietta Cappola, nos tempos *bicudos* que atravessamos.

Conclui-se portanto que também na terra do «fascio» grassa a crise, — crise de meninos — o que levou o Sr. Mussolini a solicitar às mães a maior actividade na aquisição respectiva, sem receio de quaisquer conseqüências e com a vantagem do *frete* ser convenientemente remunerado.

Sob o ponto de vista *social-económico*, aqui está uma medida de incontestável alcance, pois,

além de fazer ingressar as mulheres no quadro do funcionalismo, permite que a Itália seja, num futuro muito próximo, o país que apresenta mais filhos da... Pátria.

Reporters Unidos.

P. S. — Afinal as nossas *Projeções* de hoje são de toda a parte menos de Braga.

Aguardemos melhores ventos de ridículo.

R. U.

Posta restante

Silva Vasil — Obrigado pelo recorte. Mas é de tal ordem que nem a rir se compreende. Foi digno da nossa apreciação, mas o respeitável público que não seja desportista, nada perceberá. Ficamos aguardando outros.

Sonates — Mande outras coisas.

Dr. Pretito — Obrigadíssimos por tudo quanto por nós tem feito. É mais obrigado ainda por nos revelar o verdadeiro nome do nosso bom colaborador *Sonates*, a quem nesta hora enviamos saudações.

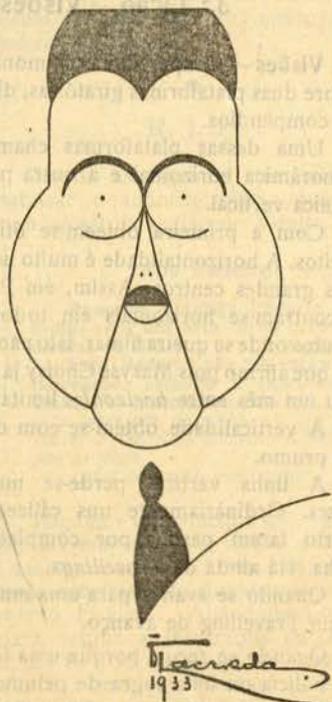
Reporters Unidos — Tomamos conta de tudo. Nunca massam; e quando for necessário tomamos a liberdade que nos dão. Mandem sempre.

Arnaldo S. Castro — Braga — Seja bem vindo. Mande mais coisas.

OS MEUS BONECOS

II

ANGELO PERENGA



ou o gerente de uma casa que não tem filiais...

O Novo Dicionário da Academia

(Continuação)

A.

Advogaria — Sinónimo de muita coisa.

Afadigado — Marido de cinquenta anos e mulher de vinte.

Aferroar — O que acontece a muita gente que lê a MARIA RITA.

Afinfar — Comer em casa dos outros.

Aforciar — Violentar uma mulher. Lérias: toda a gente conhece a história da espada e da baíña.

Á-futelifate — Furtivamente. O marido que se despede para longa viagem e volta daí a dez minutos para ver se anda alguém a passear dentro do relógio de pêndula.

Ágape — Ocupação do Arrotary Club.

Agatanhar — Há lá nada mais encantador do que uma Eva a agatanhar-nos?! Porque lá vem a reconciliação...

Água — Substância líquida, pouco conhecida entre nós. Uns preferem-lhe o surro, outros o vinho.

Aguar — Quando a gente vê mulheres bonitas, é cada aguamento...

Águia — Todos se julgam, poucos o são.

Agulha — Objecto que as nossas avós utilizavam.

Agulheta — Há conferentes que só agulhetados...

Ajanotado — Bem vestido. Lá dizia o Kaiser: «homem que não se veste bem ou não tem mulher de quem goste ou alfaiate que lhe fie».

Alberto — Pequena infusa ou meia quarta. Alguns não chegam à medida nem mesmo de camisa azul.

Alcool — Espirito de muita gente.

Aljava — O Cúpido cansou-se e deitou-a fora. As setas tem *sens unique*: acertam todas na carteira.

Aljube — O travão que evita muito descarrilamento.

Almofada — A melhor ainda é uma que arfa e debaixo da qual bate o coração. E' preciso embarcar para Citera para a encontrar.

(Continua).

Dr. Sabe-Nada.

CURSO DE CINEMA

3.ª Lição — Visões, Deformações e "Flous"

Visões — O aparelho está montado sobre duas plataformas giratórias, dizem os compêndios.

Uma dessas plataformas chama-se panorâmica horizontal e a outra panorâmica vertical.

Com a primeira obtem-se ótimos efeitos. A horizontalidade é muito usada nos grandes centros. Assim, em Paris, encontram-se horizontais em todos os pontos onde se queira filmar. Isto não sou eu que afirmo pois Maryse Choisy já passou um mês entre *horizontes* limitados.

A verticalidade obtém-se com o fio de prumo.

A linha vertical perde-se muitas vezes. Ordinariamente uns cálices de Pôrto fazem perder por completo a linha. Há ainda os *Travellings*.

Quando se avança para uma mulher é um *Travelling* de avanço.

Quando se recua, porque uma força de polícia ou uma sogra de pelinho na venta nos fazem recuar, é um *Travelling* de recuo.

Deformações — Existem dois processos de deformação: deformação de ritmo — deformação no tempo pelo acelerado e pelo ralenti — e deformação plástica.

A deformação plástica pode dar-se pelo casamento e pela união chamada vulgarmente ilícita.

Na deformação pelo casamento o ritmo é quasi sempre lento pois não há perigo de interrupção.

Na deformação ilícita o ritmo é sempre acelerado.

Existem ainda outras causas de deformação: o reumatismo deformante, um pau de vassoura, um Pérola Verde ou Damião de Cacia (estes últimos *deformam* a língua pátria).

Flous — Dão-se desfocando. Um exemplo frisante: Um indivíduo bebe seis cálices de Pôrto e seis copos de tinto. Passados momentos vê tudo desfocado — é um *flo*, mas um grandíssimo *flo*!

Mil Reis.

Décimas... dentro do praso

Antes gato!...

Foi 'spalhado aos quatro ventos
Haverem sido roubados
Coelhos inoculados
De bacilos virulentos.
Houve protestos, lamentos,
Tudo ficou ofegante;
E descobriu-se num 'nstante
Que a horrenda bicharia
Foi servida à freguesia
Dum pacato restaurante!

Fearam os comensais
Com os germes perigosos,
De efeitos bem desastrosos,
Que lhes podem ser fatais,
Andam loucos, dando ais,
Desafinando o trambelho.
Agora meto o bebelho:
— O boa gente pacovia,
Casos como o de Varsovia?!
Antes gato por coelho!...

Bisnau.

Aclaração

Garganta de Prata — Chegou tarde. E como vê, a MARIA RITA, fala do desafio, em nada menos que três secções distintas e quasi todos nos mesmos termos da sua crónica. *Les bons esprits*... Diga-nos se faz favor se podemos contar com crónica certa, porque desta forma será sempre admitida. Perdê-nos e creia no nosso agradecimento.

Reservado só para sogras

I

No tronco do triste cedro
Onde o mocho vai piar;
Quero lá pôr uma corda
Para a sogra se enforcar!...

II

«Quem não semeia, não colhe»
Diz o rifão d'essa era,
Eu semeiei o Amor
Colhi uma sogra fera!...

III

Tenho dentro de meu peito
Um par de tamancos novos
Para dar à minha sogra
Quando ela puser ovos...

José Alves.

Donativo

De um anónimo, bom amigo e grande admirador da nossa MARIA recebemos a quantia de vinte escudos para distribuir pelos nossos ardinas. Fá-lo-emos pelo S. João, para a compra do manjerico. Múltissimos agradecimentos por nós e pelos contemplados.

DESCANSO SEMANAL

Apresentação de novos colaboradores

Bem diz o povo que todos os dias vem mais um à cidade. Também não vem dia nenhum ao mundo em que nos não apareça sobre a banca de trabalho um ou mais recortes de jornais até então desconhecidos. Nesta última semana, então foi um churrilho... Vamos começar pelo

"O Jornal Lusitano",

que se publica há já três anos nesta invicta cidade e que, a avaliar pelos anúncios, deve ver a luz da publicidade ali para os lados de Paranhos, e também está filiado no Sindicato da Pequena Imprensa.

Recortamos duas notícias da sua secção *Vida Elegante*:

A primeira diz-nos que

Nascimento

Na sua casa na ridente freguesia de Fiães, na madrugada de domingo passado, teve com felicidade mais uma «délivrance» dando à luz uma elegante criança, a sra. D. Amélia Rosa de Jesus, mul digna esposa do nosso amigo e prestado industrial naquela freguesia, sr. Joaquim Francisco Pinto. Mãe e filho encontram-se bem o que muito estimamos.

Esta coisa de *ter mais uma delivrance*, não lembra ao diabo. A não ser que na véspera tivessem noticiado outra... E quanto à elegância do recém-nascido também nos quer parecer que anda ali muito de graxa.

A segunda diz, sem mais transição:

Falecimento

Também em Fiães faleceu no passado mês com a proveta idade de 83 anos, a sra. D. Ana Rosa de Jesus. O funeral realizou-se na manhã do dia seguinte e esteve muito concorrido. O ataúde foi conduzido à sepultura pelos seus netos.

Descance em paz a saudosa extinta! A família enlutada enviamos sentidas condolências.

Não gostamos de brincar com coisas desta natureza. Mas isto de incluir na secção *vida elegante* a notícia de um falecimento só a cacete. Ainda se fôsse *Morte Elegante*, vá lá...

Sempre recortando do mesmo *Jornal Lusitano*, vamos publicar um soneto que é uma maravilha de espírito.

Soneto

A UM AMIGO

*Na embriaguês procuro o esquecimento
Deste amor infeliz, que tu, mulher,
Não soubeste corresponder sequer,
Fazendo assim maior meu sofrimento...*

*Quanto mais bebo, maior é o meu tormento;
Pois consigo essa imagem entrever
No alcool em que afogo este meu ser,
Que o destino votou ao sofrimento...*

*Na lucidez consigo divagar
E pensar no que é este coração;
E vejo qu'ele não pode odiar*

*Aquela a quem amou com devoção...
E tentando este amor ora olvidar,
«... não paro de beber», desde aí... não!...*

AuLoMo.

Leram? Nós não lhe dizíamos que tinha espírito? E muito! E de alcool, que é bem pior...

Em face do que fica exposto aconselhamos Sua Excelência o sr. Ministro do Comércio a arranjar uma brigada de mulheres desta natureza se quiser acabar com a crise do Douro. O soneto é mal feito, graças a Deus. Também não presta, salvo seja. Mas tem uma desculpa: o seu autor estava bêbedo.

Agora uma notícia desportiva que é uma maravilha de composição. Também é do *Lusitano*...

Vilar de Mouros

Realizou-se no domingo passado um encontro de futebol entre os Caminhenses e o Ideal Atlético Vilarmourense.

Foi um jogo com todas as características, decorrendo sempre muito animado e com belas fases, ocorrendo ao local um grande número de espectadores como de costume já mais quando se trata de um desafio rennido entre dois grupos.

Os caminhenses, apesar de já terem justificado a sua superioridade, foram derrotados por um resultado de 4-1, mas serviu-lhes de lição porque julgavam virem buscar lá e saíram tosquiados. Sobresairam-se no team do Ideal Atletico, Domingos Travieso e José Gomes.

Já se encontram à venda nas oficinas dos Fortes & Irmão, mais de 200 sementeiras e sachadoras de tanta utilidade para agricultura e que todos os lavradores os devem possuir para as suas lavouras porque são dum grande alcance e economia.

J.P.G.

Vinha assim tal e qual: não havia transição alguma entre os 200 semeadores e os dois teams de *foot-ball*. Tudo é lavar, meu Deus! Constatou-nos que os caminhenses vão protestar o desafio alegando em sua defesa que quem os derrotou foi o resultado e não os Vilarmourenses. Coisas de desporto.

E sem sairmos do *Lusitano*, vamos servir um belíssimo prato a V. Ex.^{as}; faz parte de uma ode escrita à vila de Matozinhos pelo senhor *Salsa*.

Matosinhos

Terra encantadora

A sua praia é uma das melhores do Norte de Portugal, e frequentada pelas famílias mais distintas do Porto.

A tarde, as mulheres correm para a praia como para uma parada de beleza. Mulheres belas como o sol da primavera. E' vê-as exibindo «toilettes» frescas e vaporosas. Cabelos cortados, cabelos compridos. Lábios carminados, lábios naturais, abertos em sorrisos. Olhos negros, profundos, sonhadores. Rostos morenos, tisonados pelo sol tão lindos!

A' noite o ponto de reunião é o jardim — a alameda.

E' um jardim formoso, elegante e juvenil para onde as senhoras vão provocar um doce «firt» que é latente, olhando os seus admiradores por entre empatorios, magnolias, dragos, pelagorias, brancas, evonismos e plumbagos.

O céu, de um azul ferrete purissimo, envolve a brancura de neve e de luar da casaria desta terra abençoada do norte de Portugal.

B. M. (Salsa).

E' ou não é verdade que a este artigo se pode chamar uma *Salsada*? Mas o que mais nos deu no goto além do *juvenil jardim* e daquelas empoladas tôdas, foi o céu de Matozinhos a envolver a brancura da neve e de luar da casaria.

Não podemos jurar; Mas somos capazes de apostar em que no meio de tudo isto anda o dedo sapientíssimo do velho Manuel Ribas, antigo director de *O Comércio de Gaia*. E se dizemos isto não é bem pelas asneiras; é porque o *Jornal Lusitano* é composto e impresso na tipografia do supracitado jornal, e vendido no quiosque do *homem das barbas*.

R. I. P.

Temos as lágrimas nos olhos ao publicar o anúncio abaixo que tinha num jornal da região do Vouga.

Aos Padeiros

Passa-se a antiga Padaria do Damião, com um belo forno á Franceza, na Rua do Gravito, n. 11 — Aveiro.

Esta Padaria não se encontra em laboração, estando a funcionar com vinhos e mercearia, poando começar já a coser pão de milho, até que possam reaver o respetivo alvará e licença, para pão de trigo.

Local de grande movimento.

Julgamos de principio que não seria ele mesmo, o tal, o nosso, o enorme Damião, de Cacia. Mas ao vermos tanta asneiras, não duvidamos um momento. E' ele!... Abandonará o officio para seguir a inspiração jornalística. E até nós, já chegaram uns *zuns-zuns*, que a serem confirmados, ainda veremos o homem catedrático de Coimbra. Os *zuns-zuns* às vezes dão nisto...

A' hora a que estamos escrevendo esta profecia, estrealam lá por fora os foguetes de tostão e rebenta uma ou outra bomba mais barulhenta. Vêm-se para além, no espaço, luzes de aerostatos. E' que a noite de Santo António ainda se não escondeu no manto bolorento do passado. Em Portugal, neste dia, há quem ria, quem dance, quem queime a sua alcachofra, quem gaste dinheiro em bichinhas, em balões e em pistolas sem licença de uso e porte de armas, sem se lembrar que à mesma hora, no mesmo dia, estão reunidos em Inglaterra, nada menos que 260 economistas dos mais económicos de todos, representando sessenta e seis nações do mundo inteiro em volta de uma enorme mesa que tem no tampo superior pintada a letras garrafais uma mágica palavra:

Crise

Já de há muito, já de há sempre que ouvimos falar nesta coisa de crise. Quando eramos pequenos, julgávamos ao ver o receio que inspirava em todos, que a crise fôsse um lobisomem ou um senhorio. Depois, mais grandinhos, quando andávamos na escola, passamos a respeitar a crise como um complicado problema que era preciso resolver a todo o transe. E agora que já temos filhos mais novos do que nós, conseguimos finalmente saber o que é a

Concurso de Beleza

Eu votei pela Judit,
No concurso de beleza...
Ela é um Amor... com franqueza,
Um verdadeiro apetite!...

No há melhor, acredite,
Vê-se ali delicadeza,
Perfume e subtilidade
Da dama fina da elite!...

Tanto que fiquei por isso
Preso, enfim, a esta beldade,
Pondo o amor ao seu serviço!...

Vejam minha ingenuidade:
Tomar eu tal compromisso,
Aos setenta anos de idade!...

Alfredo Cunha (Raza).

A Conferência Económica Mundial

Sessenta nações empenhadas em acabar com a crise O que vai ser esse formidável concurso de beleza económica

crise. A crise é nada mais nada menos do que a falta pronunciada daquilo com que se compram os melões.

As suas causas

As causas da actual crise em que o mundo se debate, vêm muito de trás. Lembra-nos bem, que na idade da pedra lascada a crise do vestuário era muito mais assoladora do que hoje e na antiga Roma, a super-produção humana era de tal ordem que se deitaram os homens às feras, e as crianças atiravam-se do alto da Rocha Tarpeia. E nos saudosos tempos de Napoleão, a crise fêz-se sentir tão fortemente que o célebre general ofereceu o reino d'ele por um cavalo qualquer.

Ninguém desconhece também que a crise aparece em qualquer parte. Um tipo vai para as águas cheíno de dinheiro, e ao fim de três dias, pronto, sobrem a crise... das águas. O sr. Azaña está ano e meio no ministério cheio de boa vontade, e em seguida, zás, crise ministerial. Se até as borboletas em pequeninas são crise... alidas!...

Os seus efeitos

São medonhos! Calculem o que será andar a gente todo o dia a dizer uns aos outros:—A crise é pavorosa—Não se faz nada...—E' a crise!—Se esta crise passar, então sim...

E os outros a dizer-nos, também cheios de crise:

— Isto é mundial, meu amigo! — Console-se... veja o que vai lá por fora!...

E' de se chegar à noite sem um centavo de saliva e com menos uns escudos de refrescos.

Isto em nós, pobres fabianos que só sabemos deitar bichinhas no Santo António e comer tôdas as patranhas dos

jornaisbem informados; porque na verdadeira vida das nações a crise produz outros efeitos. Vai-se reflectir nas Alfândegas, nas contribuições, nas disposi-



O pato dentro,,

ções legais. Pautas acima, pautas abaixo, e no fim de tantas contradanças filhas das pautas, quem paga o patau é quem come todos os dias, graças a Deus.

A Conferência Económica

Foi então que nasceu no espírito do húmido sr. Roosevelt a ideia de um concurso monstro de economistas de todos os países, para se saber onde é que estava o gato. Onde estava o pato, já eles todos sabiam a-pesar-de terem sido só quatro os felizes que se locupletaram com o recheio.

E nessa altura como se tratava de uma conferência económica desatou a gastar-se dinheiro.

Primeiro em telegramas caríssimos; depois em cartões de convite; e quando cada nação tinha feito as necessárias pesquisas para se conhecerem os melhores representantes económicos — isto também custou dinheiro, porque se não encontra em qualquer parte um económico a jeito — começou a gastar dinheiro em casacas, em cartolas, em *trajes de luces*, ao mesmo tempo que em Inglaterra, se dispendiam fabulosas somas para melhoramentos da casa especial onde reuniriam os conferencistas.

Depois, e a-pesar-de alguns representantes alvitarem ao seu governo uma viagem a pé até à pátria de Jorge V, os dirigentes entenderam mandá-los o mais confortavelmente possível alegando que parecia mal irem a pé e se gastavam meias solas.

Feitas bem as contas, os gastos internacionais com esta conferência davam bem para debelar a crise nalguns países.

Mas, *noblesse oblige*, e eles lá estão, os tais 260 economistas que segundo comunicações hoje recebidas, não teem gasto nada. Não fumam, não jogam, não bebem e não gastam o *peny* que levaram trocado no bolso das calças.

São de tal forma, que o povo inglês ao vê-los passar já diz o estribilho:

Adeus ó inqueenómico!...

O fim e os fins da Conferência

Não sabemos ainda quando será; mas está-nos cá a parecer que nunca mais acaba. Não que esta coisa de discutir se os *duros* hão de ir para baixo, ou se os *pesos* teem de ficar no seu lugar, é muitíssimo difícil e tem o seu quê de difícil. O que estes homens vão gastar, com certeza, é o tempo. Quanto ao resto, há de ficar tudo na mesma por mais algum tempo ainda, porque o padrão do sr. Roosevelt já se habituou a cair sem vergonha nenhuma, e os ingleses são capazes de apostar em todos os cavalos, menos no cavalo da libra de cavalinho.

Só o sr. Mussolini é que não quer que lhe toquem na *lira*.

E' claro que durante estes primeiros dias tôda a gente lerá sôfregamente as notícias emanadas d'esse formidável organismo económico. Mas passados 8 dias, já ninguém se importará com isso e todos procurarão nos periódicos as notícias de sensação que são quasi sempre as que descrevem os crimes graves, ou a prisão de uma quadrilha de falsificadores de notas de qualquer Banco...

E quem sabe se nestas últimas notícias se não encontraria a resolução da crise mundial?...

P'ra Êle

Possuo alta riqueza e até caçoilas
De fina prata; libras aos milhões!...
Automóveis, carroças, camiões,
Castelos onde outrora haviam moiras!...

Acredita-me ó Sol que a Rosa loiras...
Tenho quintas, cavalos e aviões
Que até dentro das salas e salões,
Zunindo andam no ar em dobadoiras!...

Enfim, minha vontade em tudo impera...
E se algum desejo em mim fabrico,
E' logo satisfeito mal se gera!...

Mas aí, com tudo isto, e pobre fico...
Porque a sina fatal, sorte megera,
Nega-me o teu amor e... tenho dito.

Orquídea.

✚ AQUI JAZ

== Continuação do concurso da MARIA RITA == 50\$00 ao melhor epítáfio publicado ==

Aqui jaz um padre, eterno
Na arte de bem fazer...
— Está a arder no inferno
Segundo mandou dizer!!

Remetente: S. T.

Aqui jaz apodrecido
O grande «Ecos de Cacia»;
Morreu por ter ingerido
Muita e muita porcaria...

Aqui nesta cova jaz
Quem fazer mal já não logra;
— E' o ladrão da minha sogra
Que deu a alma a Satanaz.

Aqui em coval escuro
Jaz o Pérola esverdeado;
Morreu atrás de um monturo
Maldizendo o triste fado.

Remetente: Amepe.

Aqui jaz estorricado
José Santa (camarão)
Que morreu intoxicado
Com sêmas do Damião

Remetente: Bob Custer.

Aqui jaz Tomé Pavão
A ditosa criatura,
Que, em vida, deu solução
Do círculo à quadratura.

Com dedo e meio de testa,
Viveu vida regalada,
Porque foi sempre uma bêsta
Redondamente quadrada.

Remetente: Leão Pardo.

Aqui jaz o «Zé Safo»
Um ourives de primeira
Que de tanto puxar fio,
Rebentou c'o a feira!

Remetente: Alberto H. da Silva.

Aqui jaz homem de massa,
De letras e de valor,
Chamado Oto Vilaça,
Da freguesia de Cratos,
Que morreu com a desgraça
D'uma camada... de gatos.

Aqui jaz grande peneira,
Lucindinho de Faria,
Sem pensar café n'asneira
— São desgraças d'hoje em dia! —
De casar com a Sofia
Que nunca fora solteira...

Remetente: Nalcefauir.

Jaz aqui a minha sogra
D. Aldegundes das Coxas;
Era pior que uma cobra,
Constipou em Santa Marta,
E depois foi com as trouxas
Para o raio que a parta.

Remetente: Arreda.

Aqui Jaz o Jeremias
Que era um grande figurão,
Tantas fêz com as Marias
Que morreu de congestão.

Remetente: Ferrabraz.

Os beijos vistos por um carteiro

I	VIII
Beijos — sêlos de amor, às colecções... Bôca — estação postal dos corações...	Sêlo de goma que se cola mal Beijo dado no anel d'um cardeal...
II	IX
Há beijos que são dados com prudência, Estes são estampilhas de assistência...	Beijo na face, beijo indiferente, Sêlo de cartas para tôda a gente...
III	X
Há o beijo entre todos o mais franco, E' o beijo da criança — sêlo em branco	O beijo que se dá ao moribundo, Sêlo de carta para o outro Mundo...
IV	XI
E o da correspondência da manhã, Beijo de mãe, de filha ou de irmã...	Beijos que se dão logo a quem os pede, São sêlos de Edital numa parede...
V	XII
Há os beijos que nos deixam traços vivos, Estes são sêlos comemorativos...	Os beijos das pessoas já casadas São estampilhas usadas...
VI	XIII
Há sêlos próprios para documentos, São os beijos que selam juramentos...	Sêlo por onde se abre um telegrama Primeiro beijo da mulher que ama
VII	XIV
Há o sêlo usado por formalidade, E' o beijo das pessoas já de idade...	Rosto que só uma vez foi beijado E' uma fôlha de papel selado...

Rei dos Borlistas.

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422



Como no tempo de Nero. Cristãos às feras!...
Um espectáculo indecoroso que define a falange
desportiva de uma cidade que tem foros
de civilizada. Fartar, vilanagem!

MARIA RITA, pela primeira vez desde o seu risonho aparecimento, perdida a vontade de rir e fazer rir os outros, desafivela a sua máscara cómica para deixar ver o rosto que o abaixo exposto lhe faz tomar, ou seja o do nojo mais profundo por certos elementos falsamente rotulados de desportistas, e seus concomitantes actos.

Exemplifiquemos:

O que se passou no Domingo último em Lisboa, no famigerado campo do Bemfica, deixa de ser desportismo para se tornar em factos punidos pelas nossas leis.

Tal qual como nos tempos da Roma decadente, onze pobres rapazes foram atirados às bestas-feras de um círculo de novo género, por entre o gáudio ululante de alguns milhares de energúmenos e de cérebros tacanhos e góstos canibalescos.

E' inaudito, é inarrável, o que se passou durante o desafio Pôrto-Bemfica; os uivos estrídulos da matula esfaimada e sedenta de sangue; as arbitrariedades e violências dos jogadores? de Lisboa; as heroïcidades à João Brândão de, alguns desses mesmos homens, que, repetimos, ali mostraram à outrance a sua tendência nata para futuros hóspedes de alguns estabelecimentos, nos quais o Estado costuma pôr umas grades grossas nas janelas.

Para mostrar o que foi esse espectáculo ignominioso, basta dizer que, na noite da chegada dos nossos jogadores ao Pôrto, nem um apareceu nos locais habituais a contar, a colhêr dos seus amigos o amparo moral a que tinha jus.

Estavam todos na cama, magoados, entrapados, como se viessem, como nos tempos da Moirama, de uma dessas guerras com o *perro infiel*, em lutas heróicas de um contra cem, de meia dúzia de bravos que a mesma fé e mesma arte tornava unidos, contra alcaiteias raivosas, irresponsáveis e dementadas.

Para a Federação, para o Congresso a reunir dentro de dias, daqui chamamos a esclarecida atenção, a conduta a manter junto de quem tão mal, tão vergonhosamente, representa um dos seus mais fortes filiados.

E não resistimos a bradar, arremedando o conde de Abrantes, perante tão indecoroso como miserando espectáculo desportivo:

— Foi fartar, vilanagem!

MARIA RITA; de novo afivelada a sua habitual máscara cómica, oferece aos seus leitores alguns breves considerandos sobre o jôgo:

— Do meio do desafio em diante, Sciska defendeu de guarda-chuva aberto, por causa das pedras que alguns *inocentes* espectadores lhe atiravam com fistas.

— Como nos *matches de box*, a assistência só aplaudia quando alguns dos portuenses caía *Know-out*, para não se tornar a levantar. Então os espectadores, delirantes, abraçavam-se comovidamente, beijando as senhoras aqueles que mais se distinguiram nos insultos directos e desbragados aos pobres tripeiros caídos.

— Logo no começo do jôgo, um jogador que parecia previamente designado para tal fim, atirou-se a Waldemar com aquela mesma sanha com que, antigamente, alguns vilões eram oomprados para matar determinadas pessoas, e pô-lo em tal estado que, à hora em que escrevemos, ainda se encontra de cama. E' claro que o feito foi recebido com um brado unísono de satisfação em tôda a assistência.

— Como nas touradas espanholas, durante todo o desafio, a assistência se fartou de berrar: *máta-lo! máta-lo!*

— No fim, até o próprio árbitro, (um estrangeiro!) teve que sair *abrigado* pelas espadas da Guarda Republicana. Os jogadores, esses, foram *abrigados* até à estação!

Edificante, não acham? Agora só

falta que o F. C. P. mande nova carta ao Bemfica a agradecer-lhe o ter deixado vir um jogador ileso, dos onze que para lá mandou!...

E' ou não o *sport* em Portugal uma escola de educação física, um grande meio educativo e disciplinador?



OS TOMATES

Os tomates nascem no tomateiro, uma planta mesmo sem planta nenhuma.

São em geral avermelhados, podendo, no entanto, apresentar outras cambiantes "coloríficas".

Os tomates são muito apreciados em culinária, para fazerem a conhecida caldeirada, ou melhor, tomatada.

Quando se empreguem os tomates é sempre conveniente observá-los primeiro com tôda a atenção, pois às vezes apresentam uns bichinhos que os estragam e tornam impróprios para usos mais ou menos caseiros.

Os tomates são redondos mais ou menos ovóides, e nascem abundantemente à superfície do globo.

São muito empregados, como já disse; em culinária. Uma sopa comida com tomates é uma verdadeira delícia. E como a sopa outros múltiplos manjares.

Não vou preocupar-me, contudo, em ensinar-vos essas maravilhas "culinárias" (comprem «A Arte de Bem Cozinhar a Tôda a Prova») mas não quero deixar de vos ensinar uma receita espanpanante: como se faz o doce de tomate.

Muita atenção pois, meus excelsos alunos.

Escolhem-se dois tomates exemplares, palpáveis, e cortam-se rentes. Em seguida, depois de muito, mesmo muito bem lavados, tira-se-lhes completamente a pele.

Logo que os tomates estejam absolutamente despelados, metem-se num espremidor e aí vai disto: espremem-se até não deitarem pinga de sumo.

Recebido o suco "tomatal" dentro de qualquer recipiente, tira-se qualquer impureza que porventura haja escapado. Se, por acaso tiver passado alguma pevide não se deve tirar; isso não faz mal, as pevides também se comem e são igualmente saborosas.

Feitos estes preparativos, deita-se no môlho obtido meio quilo de açúcar, e leva-se tudo a banho Maria.

Espera-se uma grande meia hora, e pronto.

Depois serve-se o petisco, mas desde já aviso, que se não deve abusar, porque êste doce é um bocado indigesto.

Lérias.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO-N.º 12

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

17 DE JUNHO DE 1933

Decifrações do n.º 10 — 1) Bouquet, 2) passarão, 3) Venus, de quem ainda existem camisas, 4) Marcial Jordão, 5) Cãooboio, 5) Ouropa, 7) Rinato, 8) Cabilha, 9) Cribar, 10) Alvira, 11) Consul, 12) Vacôco, 13) Cãosola, 14) Cai-chão, 15) Casa, 16) Brabosa, brasa, 16) Bende-se, 18) Vila Nova de Poiaras, 19) Quem canta seu mal espanta.

Decifradores—Horaciano, 16; Só Darco, 15; Busina, 15; Rei do Orco, 14; Feirante, 13; Seria, 13; Lérias, 12; Rutra Luar, 12.

Na lista passada dos decifradores foi omitido o nome do Sepol com 14 decifrações; ai fica a ratificação.



Enigmas em verso

(1)
Começa por PU,
Um PU bem escrito.
Ora vê lá tu
Que termo exquísito.

Tem só quatro letras,
A tertia não digo,
Não 'stou com mais tretas,
Essa é só comigo.

Vá lá, para ajuda,
Eu digo-te já,
— Mas disto caluda... —
A última é um A.

Por PU se começa,
Eu volto a dizer.
Um A finda a peça
Que acabas de ler.

E agora, menino,
Acabou-se a festa.
O termo é bem fino,
E' palavra *honest*a.

Olegna.



Charadas em verso

(Ao bom amigo Reirobi)

(2)
Foi tão grande a carraspana
Que apanhou o Zé Simão,
Que ao enxergar a ti'Ana,
Chamou-lhe ti Julião.

A ti Ana, avespinhada,
— Pois tem um génio *funesto* — 1
Não estive com mais nada,
Deu-lhe na cara c'um cêsto!

E agarrando-o p'lo casaco
Disse-lhe desta maneira:
« Isto foi para o tabaco
E dou-lhe mais, caso queira!

Escarneça, borrachão, — 2
Lá de quem você quiser;
Vá lá chamar Julião,
A' matrona do *mulher*. »

Olegna.

(A' ilustre confrere Serigaita, agradecendo)

(3)
Eu como não sou *perevrso*,
Venho-lhe hoje agradecer,
Aquela charada em verso
Que fêz para m'*ofer*'cer. — 1

Você, ilustre confrere
Deve ser *mulher formosa*! — 2
Grato lhe estou, companheira,
Pela *ofer*ta valiosa.

Lérias.



Enigma figurado

(8 letras)

(4)

CA	CA
CA	CA CA
CA	CA CA
CA	CA
	K

Olegna.



Novíssimas

(5)
A *palha* que o *diabo* da Damião
comeu, causou *assombro*! — 2, 2.

Nau-Nau.

(6)
O *animal salta* e morde o *colega*.
— 1-2.

Feirante.

(7)
Um *pele vermelha* disse-me: *Sus-
penda!* Não seja *parvo*! — 3-1.

Rutra Luar.

(8)
Toca a *caminhar* para *Gaia* com-
prar dessa *vagem*. — 1-2.

Sepol.

(9)
Tomba a *bebida* neste *recipiente*.
— 1-1.

Lérias.



Sincopadas

(12)
3 — Da *gramínea* faz-se um *tecido*. — 2.

Busina.

(13)
O *criado agride* o patrão! — 2.

Nau-Nau.

(14)
3 — O *padeiro de Cacia*, anda zan-
gado com o *padre*. — 2.

Rei do Orco.



Enigmas tipográficos

(15)

6
o

Sepol.

(16)

NOTA
500 O

Sepol.



Maçada geográfica

(Ao Zé Cagancho)

(17)
Formar o nome duma terra por-
tuguesa com as letras da seguinte frase:

FINESAS

Reirobi.



Provérbio a adivinhar

(Ao ilustre camarada Sepol)

(18)
O Zeferino Pancada,
Mal rompia a alvorada,
Era vê-lo de ôho alerta,
Para ver sair a Berta,
Com seu passo de andorinha
Para encher a cantarinha.
Perseguindo-a o dia inteiro
Como um submisso rafeiro,
Dizia que muito a amava;
Mas a Berta não lhe dava
A mais pequena esperança!
Pancada andou nesta dança
Durante tempo sem fim
Mas um dia... *catapim!*
A sedutora donzela,
Lá caiu na esparrela!!!
E agora, diz êle enchado,
E' bem certo êste ditado:!

Serigaita.

O ANJO DA GUARDA

SEMANÁRIO FEMININO DE GRANDE DECILITRAGEM
DEFENSOR DOS INTERESSES DAS POBREZINHAS CUJAS

DIRECTORA: MARIA RITA

Não desejeis a
mulher do pró-
ximo por mais
distante que es-
teja.

Editorial

E' fora de dúvida que a mulher, hoje, tem muitíssimo que fazer. Não falamos já, por que isso não conta, nos deveres caseiros, nos amanhos dos fundilhos e nas coseduras dos botões. Propositadamente deixamos de mencionar as congeminações dos menus e as lavadelas dos pimpolhos.

Por uma questão absolutamente cuja, não nos referiremos aos cuidados comecinhos dos percevejos à solta, nem às diversas caçadas piolhíferas obrigatórias nas moleiras dos canários.

Isso são coisas que a mulher moderna despreza com um arremesso de cuspe desdenhoso e elegantíssimo.

Ao que nos queremos referir hoje é apenas à falta de tempo que deve haver na vida duma mulher que queira ser *vamp* através de tudo. As suas unhas, os seus artelhos, a pele e as diversas proeminências, dão um trabalho dos diabos.

Se pensarmos bem, até nos parece impossível que o dia tenha tantas horas para quem perde meia dúzia delas no suave espreguiçamento da manhã.

Além disso ainda temos de contar com o Rimel, o Kumol, o verniz, o leite e a banha, para avaliarmos bem do extraordinário martírio que deve ser a vida duma mulher de hoje.

Estamos em dizer, porém, que no meio de todo êste trabalho, esta azáfama que gasta as horas, leva os dias, atravessa os anos e alcança os lusos, há na vida da mulher em cada dia que passa uma hora inesquecível, única, inultrapassável, a que nenhuma mulher resiste, que a escravisa, que a domina, que a completa...

E' a hora da má língua...

Que Deus nos defenda por assim julgarmos.



Conselhos Práticos

Para fazer os festos nas calças

E' conforme: se fôr em calças de senhora, os festos fazem-se muitíssimo bem seguindo a linha traçada entre a terceira costela falsa e um verdadeiro joelho.

Nas calças do marido é conveniente usar outro processo. Para que os festos fiquem direi-

tos para muito tempo, ainda a melhor forma é mandar fazer um *cumec* de fôlha de Flandres e colá-lo no sítio respectivo.

Peixe fresco

Para conservar o peixe sempre no mesmo estado, não há nada como comprá-lo já podre. Desta forma se consegue que até os gatos fujam dêle. Quando o peixe estiver vermelho na espinha, não é sinal de podridão. Também os peixinhos da sala de jantar são vermelhos pelo corpo todo, e andam a nadar na redoma que é uma consolação.

Para ter apetite

O melhor que há a fazer é estar 15 dias sem comer. Se depois desta prova o doente atacado do malzinho não comer ao menos um bocado de farinha de pau, então é conveniente submetê-lo a uma segunda prova. Esta, consiste simplesmente em fazer-lhe a respiração artificial e misturar em cada aspiração um bife de meio quilo, entremeadado com chispe ao natural.

Se o doente resistir e continuar a dar mostas de falta de vontade de comer, então o melhor é enterrá-lo num campo de cenouras velhas.



Anúncios

Agência Argos

Encarrega-se do fornecimento de sogras ao domicílio. Lindas estampas com bigode e tudo. Peçam catálogos com preços e fotografias.

Senhoras

Nada menos que 552 sérias, novas e honestas, pedem empréstimo de 50 escudos a cavalheiro respeitável. Não se trata de intermediários. Carta à nossa redacção.

Estatuetas

Vendem-se vivas. Esplêndidas para quarto independente. — Rua das Musas.



Anedota

Entre senhora e caseiro:

— Não calcula senhor Domingos como nós ficamos contentes, eu e meu marido, quando o

nosso filho Julinho tirou o primeiro prémio no conservatório.

— Calculo sim, minha senhora. Eu e a minha Zefa também já passamos por isso quando a nossa porca ganhou uma medalha na Exposição.



No campo:

A criança de 6 anos para a mãe:

— O' mãzinha! Aquela vaca às listas brancas e pretas não é das que nos dão o café com leite?



— Aquele homem que ali vai, tem feito subir muita gente!..

— E quem é êle?

— E' um fabricante de escadas...



Pergunta Histórica

Qual foi a primeira coisa que fez D. João I.º quando subiu ao trono?



Receitas culinárias

Morangos com creme

Vai-se ao Rivoli e encomendam-se meia dúzia de coristas absolutamente brasileiras. Se houver por lá algumas branquinhas, é melhor. Depois convida-se o Jercolis a dar meia dúzia de saltos na primeira fila de *fauteils* e o *Oscarito* (Dá-me licença?) para rezar uma ladainha com aquela voz de tenor que Deus lhe deu e que êle porfia em tornar constipadíssima. Em seguida toca-se um samba carregado, e os morangos começam logo a dançar dentro dos píres. Com mais um bocadito de música chega o leite, e aí temos nós os morangos deleitados. Esta maravilha serve-se depois do espectáculo.

Pudim de... amor

Meia dúzia de beijinhos de estalos, cinco dúzias de abraços apertados, vinte-e-quatro piscadelas de olhos. Juntam-se estes ingredientes, amassam-se em consistência de ternura e põe-se ao fogo ardente do amor. Logo que esteja tudo bem cozido leva-se ao forno paroquial e logo que chegue ao ponto do padre, filho, espírito santo, tira-se e agasalha-se à noite entre cobertores para não apanhar ar. Este pudim é recomendado como especial no género.

Para
Pintar
paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em 10 minutos
dura 10 horas
anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

A filha que Deus nos deu,
E em nosso lar esvoaça
Tem um olhar como o teu
Tem um ar da minha graça.

recebemos as seguintes quadras:

Maria foi a Matozinhos,
Num automóvel de praça.
Enfeitado com copinhos,
Tem um ar da minha graça.

Hó! Rei Artur.

Acreditem, meus senhores
Ora ide ver à Praça!...
Todo o «Stand» que lá está,
Tem «Um ar da minha graça».

Elmar.

O Policarpo Melena
Diz p'ra Lulu quando passa:
Você é linda pequena!
Tem um ar da minha graça!...

Orquidea.

Tinha um rasto bem guapo,
MARIA RITA carcaça...
Agora parece um sapo!
Tem um ar da minha graça!...

Sapo Concho.

Passa a vida tôda a ler,
O Felisberto Madraça...
Agora p'ra se entreter
Tem: «Um ar da minha graça».

Violeta.

Eu vi a MARIA RITA,
Fazendo compras na praça,
De-veras ela é bonita!
Tem um ar da minha graça.

Rei do Orco.

Na prosa ninguém lhe ganha
Por mais esforços que faça;
Só o José d'Artimanha
Tem «Um ar da minha graça».

Quim Grande.

Do norte ao sul do país,
Neste momento que passa
Tôda a gente que é feliz
Tem «Um ar da minha graça».

Nuno Grande.

Na Quermesse do A. P. T. andei,
Encontrei umas raparigaças,
Mas aquela que eu arranjei
Tem um ar da minha graça.

F.

Eu bejei a minha Rosa,
Ela gostou da chalaça...
Acho-a assim mais formosa
Tem um ar da minha graça.

(S. Tirso).

S. T.

Vi ontem um cavalheiro
Num dos «Stand» da Praça
Preguntar a um livreiro:
— Tem «Um ar da minha graça»?

(Lisboa).

Elmano Siamor.

Diz a Joana Palorda,
Que mora em frente da praça:
— Quem mostrar bôlsa bem goda,
Tem um ar da minha graça.

Nalcefanir.

Eu gosto da Maricota
A-pesar d'ela ter «traça»
Porque o raio da velhota
Tem um ar da minha graça.

Pibuá.

Não percebo bem a história,
Mas aqui anda trapaça;
Pois o filho da Vitória
Tem um ar da minha graça.

Lérias.

Se quer ofereces à tia
Uma obra que rir a faça
Pregunte na livraria:
— Tem «Um ar da minha graça»?

A. H. S.

A minha cachopa um dia,
Atirou-me uma chalaça,
Quando por acaso eu lia:
— Tem «Um ar da minha graça».

Ferrabraz.

Ouçá lá? — Não é patranha
Nem tampouco é chalaça,
Que o ti José d'Artimanha
Tem «Um ar da minha graça».

Zangorlipanfas.

P'ra mim «Ares da minha serra»,
«Céus de fogo» p'rá carcaça;
E a prima que tanto berra
Tem «Um ar da minha graça».

Sepol.

A qualquer dama que veja
Eu digo uma chalaça,
Que por pequena que seja,
Tem um ar da minha graça.

A. H. S.

A minha «sócia» é bonita
Mas pouco dada à chalaça
Diz-me ela: — A tua «fita»
Tem um ar da minha graça.

Alberto Henriques da Silva.

Esta semana o *Aquilo que nós sabemos*
será substituído pelo concurso do S. João cujo
plano demos no número transacto.

Não houve nenhuma quadra aproximada.
O 2.º prémio de 20 escudos foi atribuído
a *Sarabanda.*

CONCURSO DA ASSINATURA

Antes de mais nada devemos dizer que este concurso deve dar lucro a todos, mas à MARIA RITA principalmente, porque ela, além do seu interesse material procura sobretudo a sua máxima expansão. E por isso o

Concurso da assinatura,

visa principalmente esse ponto. Nós vamos ver se desta forma conseguiremos fazer algumas séries de 100 assinaturas cada uma.

Por cada série distribuiremos a importância de mil escudos.

Não é sonho. É realidade.

Mil escudos em notas do Banco de Portugal e divididos em 40 prémios de 25\$00 esc. cada.

E é simples. Resume-se nisto:

Todo aquele, nosso assinante ou não, que nos remeta uma assinatura nova (semestral) (24\$00 esc.), receberá, depois de liquidada, uma senha que dá direito a 50 números duma próxima loteria. Igualmente ao novo assinante será enviada outra senha que também dará direito a outros 50 números.

Se a assinatura nos vier directamente, sem intermediários, o novo assinante terá direito a uma senha com 100 números.

Uma vez fechada a primeira série de 100 assinaturas, será marcada por meio do nosso jornal a primeira loteria, pela qual serão sorteados os 40 prémios de 25\$00 esc. cada.

Desta forma, sem que ninguém perca nada, visto que a MARIA RITA vale sempre o dinheiro da assinatura, serão dadas em cada 100, nada menos do que 42 assinaturas grátis.

E vamos lá a isto que já começou e é bem rendoso.

Mil escudos de prémios

Opiniões

Nos tempos da Monarquia,
De Brigantina regência,
O burocrata, dizia:
«Deus guarde a V. Ex.»

Seguiu-se-lhe uma República,
N'um clarão de Liberdade;
E então, a frase, era pública;
«Saúde e Fraternidade».

Depois, veio a Ditadura,
E, a nova Constituição,
Decretou, por ser mais pura,
A frase: «A bem da Nação»...

Mas, se amanhã voltar,
A política da intriga,
Se são ordens a acatar:
A bem da nossa barriga.

Agá Labarc.



Laminas RITZ

De todas a melhor, especial para barbas duras, todas as boas casas a vendem a 1 escudo, dep. 162, 3.º Ar. dos Aliados, Telef. 4650

PEÇAS , E

estava
revisado



QUINTA PEÇA DO CONCURSO

Sombras brancas nos mares do Sul

Comédia negra e um tanto ou quanto antropófaga passada nas ilhas Sanduíches

PRIMEIRO ACTO

Quando o pano sobe mostra-nos um caçador entre dois matacões, numa floresta, a estender e a encolher a cabeça como quem está a espreitar alguém.

UM PASSARINHO — Pi, pi, perlipipi.

UM PASSARÃO — Pum, pum, perlumpumpum.

CAÇADOR — Que raio, o jacaré nunca mais aparece.

O PONTO *(que sabe a fauna das ilhas)* — Não é jacaré.

CAÇADOR *(em segredo para o ponto)* — E' leão?

O PONTO *(idem)* — Também não.

CAÇADOR *(aspas)* — Então o que é?

UM MAQOTE DE PRÊTOS *(entrando a correr e a cantar, muito satisfeitos)* —

O caracól vai subindo pela
fólia do repólho,
No caminho vai pensando como
lhe há de ir ao... cimo.
Papiofiotodó, papiofiotodó.

UM DÊLES *(parando de súbito)* — Cheira-me a carne humana! Ai que temos bifés para o jantar! *(dando com o caçador que com o susto está todo encolhido)* — Olá, que belo acepipe. Isto com molho de tomate deve ser de lamber as bordas da bôca.

(Agarra o caçador, dá-lhe meia volta e mete-o no... meio do grupo).

O pano corre... atrás dêles

SEGUNDO ACTO

A' roda de uma fogueira os pretos preparam os condimentos para passarem pelas brasas o caçador que já está passado de medo.

UM PRÊTO — Quem quiere carne branca?

OUTRO — Cebola! troca-se uma cebola por dois gramas de pimenta!

OUTRO AINDA — Cais gramas nem meio gramas. Aqui não se gramam gramas, isso é bom para o branco. Duas lasquinhas de pimenta é que é.

O 1.º PRÊTO *(insistindo)* — Quem quiere carne barata?

VIRGEM BRANCA *(aparecendo não se sabe de onde, nem porquê)* — Eis-me aqui para apelar pelos meus direitos!

O HOMEM DO BATUQUE — Plão! Plão! Plão!

TODOS *(num sussurro respeitoso)* — Oh!...

VIRGEM BRANCA — O que é que vocês vão comer?

TODOS — Um branco de caldeirada.

VIRGEM BRANCA *(olhando para o caçador e ficando logo apaixonada como nos fitas americanas)* — E' isto que querem cozer? Nada, meus anjos, passem-no para cá que eu como-o assim mesmo.

UM PRÊTO LIBERAL — E então nós? Não há respeito pelas leis? Não temos já constituição?

VIRGEM BRANCA *(apontando-o às massas)* — Papem-no em vez do branco!

TODOS *(asestando as lanças e correndo para o revoltado)* — Vamos a êle que «prêto também ser gente».

O pano torna a correr... atrás dêles

TERCEIRO ACTO

O cenário é o mesmo do primeiro acto, com matacões e o resto. O caçador, desta vez está estendido com a cabeça no regaço da Virgem Branca e dormindo como uma gibóia depois de ter engulido um bot com tudo.

VIRGEM BRANCA *(contemplando-o românticamente)* — E' ainda um belo pedaço de carne e, brinca brincando, o que é certo é que estou com ganas de o trincar.

CAÇADOR *(acordando e pondo-se em pé)* — Oh! A Virgem Branca dos mares rubros! Agradeço-te o teres permitido que eu não fosse expellido nas fezes dêsses selvagens.

VIRGEM BRANCA *(irónica)* — Preferes sê-lo nas minhas?

CAÇADOR *(um pouco atrapalhado mas sempre galante)* — Lá o sair não me importava, o pior era o modo de entrar.

VIRGEM BRANCA *(virginalmente)* — Ora, como havia de ser!?! Entravas cru e pela bôca.

CAÇADOR *(avincando)* — Nesse caso, cá vou eu para a bôca.

UM PAPAGAIO *(enquanto êles se beijam)* — Então que papel faço eu aqui?

O pano cai para salvar as aparências

QUARTO ACTO

Nove meses depois a bordo de um transatlântico do Pacifico. O caçador passeia agitado na antecâmara da sua câmara.

O MÉDICO DE BORDO *(surgindo no limiar da porta do quarto)* — As minhas felicitações. Acaba de ser bipai.

CAÇADOR — Bipai?

MÉDICO — Sim, isto é, nasceram dois gémeos.

CAÇADOR *(correndo para o quarto)* — Hurrah! Oh! Virgem Branca, eu bem tinha o pressentimento de que o Sol das Sanduíches havia de produzir qualquer coisa de anormal.

(Passam-se alguns segundos, no fim dos quais, surge o caçador pior do que um regimento de baratas hidrófobas).

O CAÇADOR — Bolas! Irra! Apre! Arre! Para isto escusava de ir às Sanduíches, tinha na América aos milhares.

MUITOS PASSAGEIROS *(da porta)* — O que é? Há fogo?

UM ENGRAÇADO — Naturalmente o parto fêz faísca e causou algum curto circuito.

CAÇADOR *(deixando-se cair numa cadeira)* — Não é nada disso, meus senhores. Fui eu que me casei com uma Virgem branca e tive dois filhos pretos.

O pano desta vez não corre... é corrido

Fernambelo.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A comédia argentina *La madreita*.

Rivoli: A sensacional revista *Colcha de retalhos*.

Olimpia: Os filmes *Tu serás duquesa* e *Os galhofeiros*.

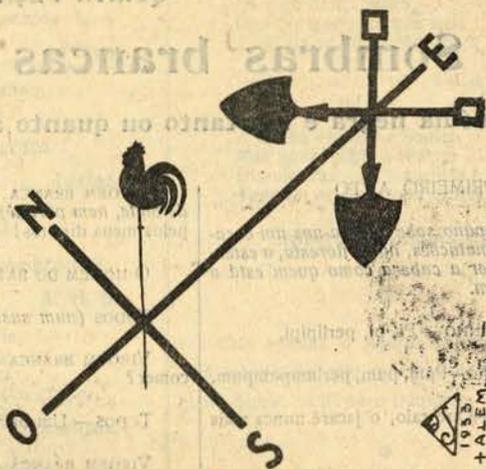
Trindade: O grande filme *O filho inesperado*.

Batalha: O filme de aventuras *O misterioso Dr. Fu-Manchu*.

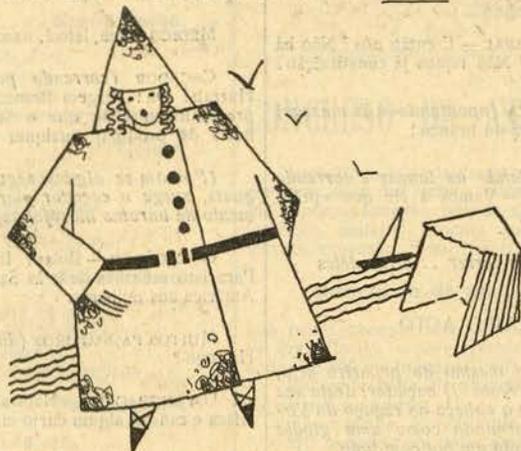
SALADA RUSSA



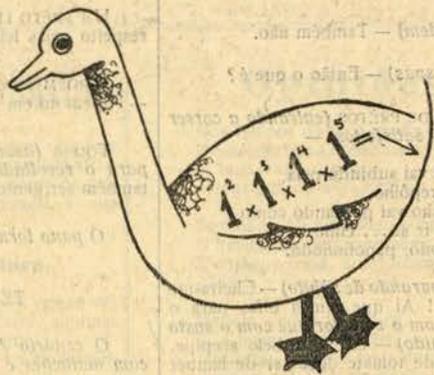
RE...VISTA DESPIDA OU O T...ANGU DO CAROCO...
SEM CAROCO... PARA...BENS AO RIVOLI



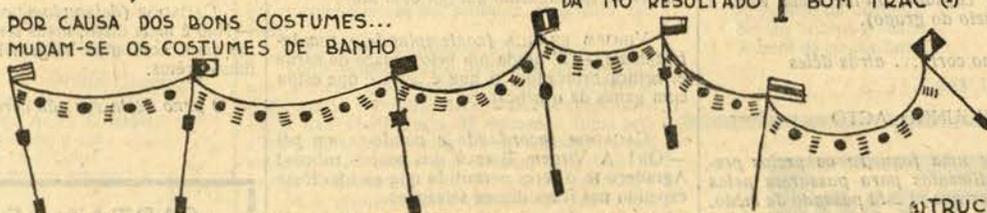
HA PAZ NO ORIENTE



POR CAUSA DOS BONS COSTUMES...
MUDAM-SE OS COSTUMES DE BANHO



O PACTO DAS QUATRO POTÊNCIAS
DA NO RESULTADO 1 BOM TRAC (e)



A SEMANA GALEGA, FOI-SE... O S. JOAO, VEM . VIVA O S. JOAO!

STRUC